

### **Memórias candangas: representações de outras Brasília na literatura de cordel**

**Alex Canuto de Melo**

**Resumo:** O presente trabalho constitui uma discussão em torno de certas lacunas existentes tanto no que diz respeito à historiografia de algumas das primeiras cidades candangas - Núcleo Bandeirante, Ceilândia - em sua relação com Brasília, quanto ao lugar marginal ocupado pelo cordel no campo literário brasileiro. Para tal, essa pesquisa reúne folhetos de cordéis escritos pelos próprios candangos, os paus-de-arara que, seduzidos pelas campanhas da construção da Nova Capital, atravessaram o Nordeste e empreenderam uma viagem rumo ao Planalto Central em busca de uma vida melhor. Em um dos folhetos nos deparamos com o testemunho e o registro do cotidiano a partir do olhar de um dos trabalhadores da construção de Brasília; em outros folhetos de cordel, encontramos o registro do surgimento do complexo de favelas em torno da antiga Cidade Livre (hoje Núcleo Bandeirante) e o registro das Campanhas de Erradicação de Invasões, que deram origem à Ceilândia.

**Palavras-chave:** cordel, história oficial-hegemônica, memória-candanga, campo literário, poéticas populares.

**Abstract:** The present work is a discussion about the historiography of some of the first cities of the Federal District - Núcleo Bandeirante, Ceilândia - in your relation with Brasília. Another important point discusses the marginalization of the cordel, a regional popular literature, in the Brazilian literary field. This research selects small books of popular poetry that were actually written by the constructors of Brasília, the northeastern workers that left your home region to come and build the city searching a better life. The small books, alternatively for official historiography of Brasília, tell the story from the memory of these workers. In one of the small books, there is the poetic registration of a common day of the construction of Brasília; in another one, there is the registration of the beginning of the slums around of the ancient free city (nowadays Núcleo Bandeirante) and the registration of the invasions eradication process (nowadays Ceilândia).

Partindo da premissa postulada por Maria Helenice Barroso de que “a literatura é expressão do histórico social, por apresentar dados da vida social e material, que são passíveis de apreensão por parte do pesquisador”<sup>1</sup>, é que pretendemos, nesse trabalho, apresentar as representações sociais que foram construídas pelos cordelistas sobre Ceilândia. Com o resultado dessa pesquisa pretendemos preencher, ou pelo menos discutir, certas lacunas existentes tanto no que diz respeito à historiografia da cidade de Ceilândia em sua relação com Brasília quanto ao lugar do cordel no campo literário brasileiro que - conforme veremos adiante - é historicamente estigmatizado e marginalizado, segundo Bruna Paiva de Lucena, por um conceito de literatura forjado pelas elites artísticas e intelectuais do país. Sobre esse conceito discorre Lucena:

Ao ler a crítica literária brasileira, responsável pela legitimação e fixação de uma visão sobre o literário, sendo ela estética, formal ou ideológica, percebemos que em sua base está forjado o conceito de uma literatura ao mesmo tempo nacional e universal. Todavia, essa dinâmica entre local e universal serviu para legitimar apenas algumas obras literárias, ao passo que deslegitimou e silenciou muitas outras. No caso específico do cordel, sua exclusão ocorreu mais por ser relacionada a uma produção popular do que por sua temática, com cunho majoritariamente nacional. Assim, a historiografia literária brasileira que “como um discurso sobre a formação, composição e definição da nação, haveria de permitir a incorporação de múltiplos materiais alheios ao círculo anterior das belas letras que emanavam das elites cultas”, restringiu-se a gêneros literários advindos de uma elite intelectual e cultural sob a ideia de construir uma “grande”

literatura da qual, apesar da hibridização e dialética entre o local e o universal, adviessem valores formais, estéticos e temáticos universais<sup>2</sup>.

Já no que diz respeito à referida lacuna na historiografia de Ceilândia em sua relação com Brasília, é flagrante que há um *silenciamento* da história dos moradores do Distrito Federal a favor de uma versão de história única, hegemônica, oficial. Pouco ou quase nada ouvimos da história contada na versão dos “peões de obra”, ou, como foram alcunhados durante a construção de Brasília, uma história contada a partir do olhar dos *candangos*<sup>3</sup>, dos favelados das antigas “invasões” e, por fim, dos ceilandenses. Tudo isso se torna mais flagrante quando procuramos nos museus do Distrito Federal informações a respeito da história da construção de Brasília. No suntuoso Memorial JK, projetado por Oscar Niemayer e inaugurado em 1981 no Eixo Monumental de Brasília, nos deparamos com o discurso da história oficial, história essa que, conforme postula Maria Helenice Barroso, “exclui o homem comum<sup>4</sup>”, consagrando ao posto de herói as autoridades políticas, o estreito círculo das classes dominantes. No caso específico de Brasília, esse discurso postula, em geral, a noção de uma cidade socialmente coesa, moderna, referência internacional em habitação e urbanismo, a cidade mais nova a ser tombada como Patrimônio Histórico e Cultural da

---

<sup>2</sup> Lucena, *Espaços em disputa: o cordel e o campo literário brasileiro*, p.19, 20.

<sup>3</sup> Definição do iDicionário Aulete. 1. Bras. Hist. Operário que trabalhou na construção de Brasília (DF) - Disponível em: <http://aulete.uol.com.br/nossoaulete/candango>

<sup>4</sup> Barroso, *Os cordelistas no DF: dedilhando a viola*, p. 63.

---

<sup>1</sup> Barroso, *Os cordelistas no DF: dedilhando a viola*, p. 66.

Humanidade pela UNESCO, por fim, essa história hegemônica sobre Brasília elege como os seus heróis, personagens tais como o presidente Juscelino Kubitschek, o arquiteto Oscar Niemayer e o urbanista Lúcio Costa.

Em visita ao Museu Vivo da Memória Candanga<sup>5</sup>, situado entre a Candagolândia e o Núcleo Bandeirante, constatei ainda, com algumas exceções, a predominância de um discurso emoldurado no âmbito da história oficial. Em certas instalações do museu, que foi o primeiro hospital construído em Brasília, o antigo HJKO (Hospital Juscelino Kubitschek de Oliveira), encontramos vestimentas do ex-presidente JK, alguns de seus pertences e dados historiográficos, matérias publicadas pela imprensa, cartas, documentos oficiais, que denotam em seu conjunto a perspectiva do discurso hegemônico. Em meio a toda essa documentação, não encontramos quase nenhum relato de um candango ou dos primeiros moradores da região onde hoje se situa o museu. A exceção está na chamada *Oficina da Memória* projetada pelo professor de geografia Tony Marcelo Gomes de Oliveira. O objetivo da oficina - conforme previsto em seu programa - é trabalhar na "formação continuada para capacitação de alunos, professores da Rede Pública de Ensino e Comunidade do Distrito Federal. A referida oficina oferecerá o curso "Buscando origens", que objetiva discutir questões relacionadas às áreas da

memória, identidade, pertencimento, patrimônio cultural, entre outros."

Entre os museus visitados, o único que oferece integralmente uma história contada com base nos relatos de candangos é a *Casa da Memória Viva dos Candangos Incansáveis da CEI.land*<sup>6</sup>, situado na Ceilândia. O curioso é que o museu foi construído na própria casa do seu idealizador e principal construtor, o professor de história da rede pública, Manoel Jevan. Foi através do acervo desse museu que consegui boa parte dos folhetos de cordel que compõem o meu corpus de pesquisa.

A literatura de cordel assim como a tradição do repente, trazida pelos imigrantes nordestinos em seus paus-de-arara, recitados e cantados nas cantinas<sup>7</sup> onde se abrigavam os candangos que trabalharam na construção de Brasília, oferecem ao pesquisador muito material historiográfico, por resguardarem essas expressões literárias muito da memória, dos costumes e do cotidiano dos primeiros candangos. A literatura de cordel por ser, historicamente, a literatura dos destituídos sociais, dos semi-letrados e analfabetos que migraram para Brasília - e talvez por essa razão social ela mesma relegada a uma posição marginal no campo literário - possui enorme potencial de

---

<sup>6</sup> Casa da Memória Viva dos Candangos Incansáveis da CEI.land. Informações disponíveis em: <http://www.oclubedossom.com.br/memoriaviva.htm>

<sup>7</sup> O cantador e cordelista Sr. Donzílio Luiz de Oliveira me informa - em entrevista concedida a 14 de junho de 2013 - que os primeiros espaços de cantoria, assim que os candangos chegaram em Brasília, eram espécies de cantinas onde desembarcavam os imigrantes.

---

<sup>5</sup> Museu Vivo da Memória Candanga - Informações disponíveis em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Museu\\_Vivo\\_da\\_Mem%C3%B3ria\\_Candanga](http://pt.wikipedia.org/wiki/Museu_Vivo_da_Mem%C3%B3ria_Candanga)

dar visibilidade ao que a história oficial persiste em silenciar.

Ronald F. Monteiro em artigo<sup>8</sup> escrito na *Tribuna da Imprensa* sobre o documentário *Conterrâneos Velhos de Guerra*, de Vladimir Carvalho, parece tangenciar um dos pontos-críticos que objetivamos discutir ao longo dessa monografia quando afirma:

O texto conclusivo de Brasília... (que só veio a público há pouco mais de quatro anos, pela TV Educativa) declarava: "ao expelir de seu seio os homens que a construíram e os que a ela ainda acorrem, Brasília encarna o conflito básico da arte brasileira, fora do alcance da maioria do povo". O projeto básico do filme de Vladimir Carvalho é o mesmo: onde e como ficaram os genuínos construtores da nova capital?

A partir desse ponto-crítico tangenciado por Monteiro, reafirmamos que ao erradicar do seu seio os trabalhadores que a construíram, Brasília também marginaliza todo um grupo social, conseqüentemente sua cultura, sua arte e suas tradições. Por outro lado, essa arte e essas tradições, como a do cordel, embora marginalizadas e muitas vezes apontadas como fadadas ao desaparecimento, continuam vivas e mantendo viva a memória de comunidades inteiras, seja denunciando, seja registrando o cotidiano, seja trazendo o olhar particular do candango ou do ceilandense sobre a realidade e, sobretudo, se reinventando às margens do poder e da história oficial. O que objetivamos apresentar adiante são as formas como essa literatura preenche uma lacuna historiográfica, respondendo a uma pergunta basilar dessa pesquisa: de que forma essa literatura marginalizada e produzida

pelos candangos e ceilandenses se relaciona com a história oficial de Brasília? E, por fim, como essas cidades historicamente marginalizadas no DF reivindicam, através da literatura de cordel, o seu direito de também serem Brasília, ou seja, de serem contempladas pela realização do projeto humanístico que norteou a criação da nova capital?

Com base nos versos dos folhetos de cordel selecionados, pretendemos, através da leitura dos mesmos, investigar de que forma os cordelistas ressignificaram os acontecimentos relativos à construção de Brasília, como captaram toda a atmosfera utópica da anunciada terra prometida, como relataram sua dura travessia nos paus-de-arara, suas expectativas, sonhos e frustrações. Para tal, vamos dividir esse artigo analisando de um lado, dois folhetos referentes à construção de Brasília e outros dois folhetos referentes ao período das Campanhas de Erradicação de Invasões. Com base no exposto, entre as produções referentes à construção de Brasília selecionamos os folhetos *O candango na fundação de Brasília*, de Sebastião Varela e *A história de Severino*, de Manoel Paixão Barbosa, e entre as produções referentes às Campanhas de Erradicação de Invasões selecionamos *Ceilândia, cidade em flor*, de Manoel Raimundo e, por fim, *Terracap contra a Ceilândia*, de Joaquim Bezerra da Nóbrega.

---

<sup>8</sup> Carvalho, *Conterrâneos velhos de guerra*, p. 65

**O CANDANGO NA FUNDAÇÃO DE BRASÍLIA - DE SEBASTIÃO VARELA E A HISTÓRIA DE SEVERINO, DE MANOEL PAIXÃO BARBOSA<sup>9</sup>.**

*O candango na fundação de Brasília* é composto de vários cordéis de autoria do cordelista Sebastião Varela, lançado sob o patrocínio da Secretaria de Educação e Cultura do DF. O lançamento se deu no dia 27 de agosto de 1981, no Centro de Criatividade da Fundação Cultural do DF<sup>10</sup>.

A edição que dispomos de *O candango na fundação de Brasília* é prefaciada pelo escritor e crítico literário Cassiano Nunes (1921-2007), na época professor da Universidade de Brasília.

Aqui começamos pelos versos iniciais do folheto, nos quais o poeta faz o registro dos planos do “Governo Federal” de transferência da capital do país:

No ano cinqüenta e seis  
Correu a grande notícia  
Que o velho Rio de Janeiro  
Perdia seu grande título  
Porque ia ser mudada  
A capital do país  
Colapso dos tubarões  
Da mata deste Brasil.

-----  
Quase ninguém acredita  
Esta cidade não vai  
Começou o falatório

Naquele vai mas não vai  
Mas o negócio era sério  
Começou o pau quebrar  
Pois o decreto era mesmo  
Do Governo Federal.

Em seus versos, Sebastião Varela capta todo o clima de euforia e expectativa que antecede a construção de Brasília. Conforme se lê na primeira estrofe, a “notícia” da construção da Capital se espalhou em 1956 e incentivou a migração para o Planalto Central. Segundo Barroso (2006, p.51), durante esse período de construção, “o discurso sobre a importância de Brasília, iniciado desde o período colonial, se intensificou. Uma propaganda incisiva divulgava as vantagens financeiras para os trabalhadores, além de transmitir a idéia de que os operários estavam contribuindo, significativamente, para o progresso do Brasil. O discurso oficial apregoava a idéia dos trabalhadores como sujeitos, como participantes de uma obra grandiosa. Desse modo, como relata Teixeira (1996, p.27), “se sentiam participantes de uma grande transformação nacional - induzidos pela ideologia do desenvolvimento”. As conseqüências de toda essa euforia desenvolvimentista, alimentada pela imprensa nacional, estão registradas nos versos de Varela:

Começou a chegar gente  
Vinda de todas as partes  
Três quartos eram do nordeste  
Que vinham para trabalhar  
Os carros vinham cheios  
Que não cabiam mais nada  
E esta espécie de passageiros  
Chamavam de Pau de Arara.

<sup>9</sup> Manoel Paixão Barbosa nasceu em Teresina, Piauí, no dia 15 de abril de 1949.

<sup>10</sup> Barroso, *Os cordelistas no DF: dedilhando a viola, contando a história*, p. 47.

O notável é que Sebastião Varela informa que “chega gente vinda de todas as partes” e acrescenta que “três quartos eram do nordeste”. Com base numa entrevista ao professor de história Manoel Jevan, foi possível colher uma informação que diz respeito ao motivo da vinda de tantos nordestinos:

Em seus versos, Sebastião Varela capta todo o clima de euforia e expectativa que antecede a construção de Brasília. Conforme se lê na primeira estrofe, a “notícia” da construção da Capital se espalhou em 1956 e incentivou a migração para o Planalto Central. Segundo Barroso (2006, p.51), durante esse período de construção, “o discurso sobre a importância de Brasília, iniciado desde o período colonial, se intensificou. Uma propaganda incisiva divulgava as vantagens financeiras para os trabalhadores, além de transmitir a idéia de que os operários estavam contribuindo, significativamente, para o progresso do Brasil. O discurso oficial apregoava a idéia dos trabalhadores como sujeitos, como participantes de uma obra grandiosa. Desse modo, como relata Teixeira (1996, p.27), “se sentiam participantes de uma grande transformação nacional - induzidos pela ideologia do desenvolvimento”. As conseqüências de toda essa euforia desenvolvimentista, alimentada pela imprensa nacional, estão registradas nos versos de Varela:

Começou a chegar gente  
Vinda de todas as partes  
Três quartos eram do nordeste  
Que vinham para trabalhar

Os carros vinham cheios  
Que não cabiam mais nada  
E esta espécie de passageiros  
Chamavam de Pau de Arara.

O notável é que Sebastião Varela informa que “chega gente vinda de todas as partes” e acrescenta que “três quartos eram do nordeste”. Com base numa entrevista ao professor de história Manoel Jevan, foi possível colher uma informação que diz respeito ao motivo da vinda de tantos nordestinos:

Eu vou contar uma estória  
De um grande nordestino  
Que veio lá do Ceará  
Trazido pelo destino  
Este nosso personagem  
Se chamava Severino.

-----  
Com três filhos para criar  
De um a três anos de idade  
Severino resolveu  
Vir morar nesta cidade  
Brasília sempre teve  
Muito mais facilidade.

-----  
Trazendo uma espingarda  
Uma foice e um facão  
Um cachorro que criava  
Que era de estimação  
Em cima de uma carroça  
Abandonou o sertão.

-----  
Muitos dias de viagem  
Severino enfrentou

Naquelas longas estradas  
 Muito ele viajou  
 Passando frio e fome  
 No DF ele chegou.

Em vários folhetos escritos pelos poetas de cordel podemos encontrar referências a esse período de migração. Nos dois exemplos dos poetas candangos - tanto em Sebastião Varela como em Manoel Paixão - nos deparamos com o drama das famílias nordestinas nas duras travessias.

O cordel do Manoel Paixão bem poderia ser uma alusão à *vida Severina* descrita na poesia *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto. *A história de Severino*, apesar de se desenvolver num cenário da década de 1970, conta a saga de um nordestino que, em sua carroça, saiu do Ceará em direção ao DF, como tantas vezes ocorreu com aqueles milhares que migraram para trabalhar na construção da Nova Capital.

Já em *O candango na fundação de Brasília*, além de nos informar sobre a grande leva de Nordestinos que cumpriram migração pra Brasília, Sebastião Varela fala sobre as difíceis condições de viagem dos candangos, transportados em paus-de-arara, muitas vezes em carros superlotados. Por outro lado, esse fenômeno migratório é explicado, segundo o sociólogo Brasilmar Ferreira Nunes (2004, p. 19-38), pelo imaginário que se desenvolveu em torno dessa *terra prometida* “desde o discurso fundador que anunciava a sua construção. Imaginário este, constituído ao longo de vários séculos, em torno da interiorização da Capital do país e das melhores condições de vida que esta poderia propiciar aos milhares de

migrantes que se deslocaram em direção ao Planalto Central”.

Entretanto, como explicitam os versos de Varela, o cotidiano dos candangos pioneiros na “terra prometida” era controverso ao anunciado e propagado pela imprensa governista:

Hoje nem se fala mais  
 Do começo de Brasília  
 Nem se faz uma idéia  
 Do tamanho do sacrifício  
 Dos gigantes pioneiros  
 Quando aqui nada existia.

-----  
 Até água de beber  
 Por aqui era difícil  
 Vinha de muito distante  
 Transportada em carro pipa  
 Depositada em tonéis  
 Destes que vem com pinche.

-----  
 Candangos passavam sede  
 Esperando o caminhão  
 Sem água para beber  
 E sem fazer refeição  
 Perdia até o contato  
 Diminuindo a produção.

-----  
 Os carros vinham na hora  
 Fazer a distribuição  
 Porém eram muitas turmas  
 Na grande desmatção  
 Quem recebia por último  
 Passava sede patrão.

Este registro do cotidiano dos primeiros candangos que podemos ler através do folheto do Sebastião Varela, não fora propagandeado pela imprensa governista e, como o próprio autor diz: “hoje nem se fala mais do começo de Brasília” e que ninguém faz idéia do sacrifício suportado pelos “gigantes pioneiros”. Nesse sentido, sua crítica recai diretamente sobre essa história oficial, cuja hegemonia procuramos discutir nesse artigo. Ao mesmo tempo o poeta elege como “gigantes” não apenas o presidente, o arquiteto ou as demais autoridades, mas os candangos pioneiros que suportaram os sacrifícios da falta de moradia, saneamento, infra-estrutura, pagando com a própria sede e, muitos, com a própria vida.

**CEILÂNDIA, CIDADE EM FLOR, MANOEL RAIMUNDO E TERRACAP CONTRA A CEILÂNDIA, DE JOAQUIM BEZERRA DA NÓBREGA**

No folheto de cordel de Manoel Raimundo, *Ceilândia, cidade em flor*, temos a narrativa dos primeiros anos de Ceilândia. Em sua narrativa podemos ter acesso às formas como os primeiros candangos viam a cidade durante a Campanha de Erradicação. Parece-nos oportuno, antes de dar início à análise do cordel, traçar uma breve contextualização histórica sobre a realidade que motivou a criação do mesmo. A socióloga e pesquisadora Safira Bezerra Ammann em seu livro *Os Incansáveis - movimento popular de Brasília*, assim historiciza a origem da cidade:

Ceilândia foi originariamente formada pelos construtores de Brasília, ex-moradores de áreas próximas ao Plano Piloto. Segundo a lógica capitalista inspiradora das determinações do Estado - proprietário e controlador do solo no Distrito Federal - aquelas áreas encontravam-se

reservadas para a construção de mansões de elevado custo e alto padrão de qualidade. As favelas vinham, segundo aquela ótica, contrariar o projeto urbanístico, quebrar a harmonia da cidade, prejudicar sua beleza arquitetônica e representar uma ameaça para a saúde da população do Plano Piloto. Impunha-se, portanto, promover o “saneamento estético” da cidade<sup>11</sup>.

A cidade de Ceilândia é o resultado de uma intensa campanha, por parte do governo, de erradicar as várias favelas que cresceram nos arredores de Brasília. Ceilândia, portanto, já carrega na própria sigla a história de sua gênese. C.E.I (Campanha de Erradicação de Invasões), acrescido de *lândia*, sufixo de origem inglesa.

Em *Ceilândia, cidade em flor*, o poeta mostra que a transferência dos favelados para a cidade de Ceilândia, deveria ser concretizada objetivando resolver a situação de caos absoluto na qual viviam os moradores das favelas do IAPI. Assim o cordelista se expressa:

Senhores mais uma vez  
Com Jesus que nos auxilia  
Eu falo sobre a mudança  
Com muitos pais de família  
Das favelas pra Ceilândia  
A caçula de Brasília.

-----  
Os barracos eram estrepados  
Parecendo até quixo  
Os moradores enfurnados  
Parecendo um moco  
Precisavam ser mudados

<sup>11</sup> Ammann, *Os Incansáveis - movimento popular de Brasília*, p. 21



Pra ter uma vida melhor.

-----

O povo vivia amontoado

Precisavam espalhar

Pra viver mais sossegado

Cada um em seu lugar

Pra criar seus filhos amado

Precisavam de um lar.

-----

Antigamente eram vilas

Mas hoje estão transformando

Em uma cidade decente

Com pessoa civilizados

Brasília, Brasil pra frente

A nossa pátria adorada.

Nesses versos o cordelista, em consonância com a campanha publicitária do governo, ressalta as vantagens da mudança dos trabalhadores favelados para a nova cidade. Seus versos revelam uma espécie de Ceilândia projetada pelo sonho de seus primeiros moradores, uma Ceilândia utópica, quase uma São Saruê, onde a justiça social triunfaria. Em Ceilândia teriam uma casa, mais espaço para “criar seus filhos amados”, sem os velhos problemas de habitação, que mantinham as pessoas “enfurnadas” nas favelas.

Se em *Ceilândia, cidade em flor* nós temos uma Ceilândia sob a perspectiva de um olhar esperançoso, embalado pelas campanhas governistas, em *TERRACAP contra a Ceilândia*, de Joaquim Bezerra da Nóbrega, o que temos é a revolta popular canalizada em versos de cordel. Se fizéssemos uma referência aos versos do poema *Confronto* de Carlos Drummond de Andrade citado

na abertura desse capítulo, poderíamos dizer que o cordel de Joaquim Bezerra cumpriu num determinado momento da história de Ceilândia a função de exprimir as mágoas e os ressentimentos que estavam presas na goela coletiva e não se exprimiam. Os motivos que desencadearam toda essa revolta popular podemos encontrar nos versos:

Leitores eu vou contar

Prestem bastante atenção

O que está acontecendo

Com parte da população

É o povo da Ceilândia

Que sobre grande aflição.

-----

Foi feita a remoção

Que todo mundo esperava

Pois ter o seu próprio lote

Com isto todos sonhavam

Porém agora é que veio

O que ninguém aguardava.

-----

Quando chegamos em Ceilândia

Todo mundo era contente

Para limpar o seu lote

Todos faziam frente

Hoje veio a TERRACAP

Deixar triste toda gente.

-----

Agora eu quero falar

O que vem apavorando

Todo este pessoal

Que aqui está morando

É o preço que a TERRACAP

Por os lotes vem cobrando.

-----  
 Tinha promessa de tudo  
 Que não ia nos faltar nada  
 Viemos todos tranqüilos  
 Confiando na moçada  
 Mas quando chegamos aqui  
 Achamos mato e mais nada.

-----  
 Os INCANSÁVEIS moradores  
 Estão lutando pra valer  
 Com a união de todos  
 A gente pode vencer  
 Com a ajuda do povo  
 Tudo se pode fazer.

Os versos de Joaquim Bezerra, transitando entre a 1ª pessoa do singular e a 1ª do plural, se coloca enquanto sujeito, ou seja, com um ponto de vista particular sobre a realidade emergente e, ao mesmo tempo, como parte de uma coletividade. O poeta se coloca como o porta-voz de uma causa maior e urgente, que é sua e de todos que vivem a mesma situação. Sente-se, enquanto poeta cordelista, responsável por informar e denunciar ao seu público-leitor os últimos acontecimentos. O poeta chama atenção para o alto preço que a TERRACAP passou a cobrar dos moradores da Ceilândia.

Como historiciza<sup>12</sup> Maria Helenice Barroso, “durante todo esse período de campanha de sensibilização dos moradores do IAPI e arredores para deixarem seus barracos, o Governo do DF fez a promessa de cobrar preços simbólicos pelos lotes

entregues em Ceilândia àqueles que fossem removidos. Entretanto, algum tempo depois de efetivada a remoção, a TERRACAP anuncia o aumento no preço dos lotes, fato que gerou um grande descontentamento e a imediata formação de uma importante associação para a causa dos moradores”, associação também citada por Joaquim Bezerra em seu folheto e na entrevista: a Associação dos Incansáveis Moradores de Ceilândia.

Em 71 nós chegamos  
 Isto aqui não tinha valor  
 Arrumamos nosso lote  
 Com trabalho e muito amor  
 Hoje ela se interessa  
 Pois o lote valorizou.

-----  
 Os INCANSÁVEIS moradores  
 Estão lutando pra valer  
 Com a união de todos  
 A gente pode vencer  
 Com a ajuda do povo  
 Tudo se pode fazer.

Como apontam os versos de Joaquim Bezerra, a Associação dos Incansáveis Moradores da Ceilândia lutaram para valer. Conforme diz Ammann<sup>13</sup>, “as reuniões da Associação eram semanais e, dessa forma, amplia-se a mobilização das bases, através de encontros nas próprias Quadras<sup>14</sup> da Ceilândia. Os resultados das reuniões deste fórum são levados para as reuniões da Associação, que logo

<sup>12</sup> Barroso, Os cordelistas no DF: dedilhando a viola, contando a história, p. 69.

<sup>13</sup> Ammann, Os Incansáveis - movimento popular de Brasília, p. 32, 33.

<sup>14</sup> Conjunto de ruas, em Ceilândia.

passou a congregar um número significativo de moradores”. Conta a socióloga que fizeram parte da numerosa associação “os operários da construção civil, pequenos comerciantes, pequenos funcionários públicos, vigilantes, lavadeiras, faxineiras, empregadas domésticas, biscateiros, desempregados”. E termina por concluir que era uma “composição *pluriclassista*, mas que possuía um eixo que aglutinava toda essa heterogeneidade social: a precariedade das condições de existência; o interesse pela legalização do lote”.

O caráter engajado do folheto *A TERRACAP contra a Ceilândia* se gesta e se circunscreve num momento em que no país começam a emergir os movimentos pela emancipação dos direitos dos cidadãos, a luta pela participação na vida política. Portanto a reivindicação por melhores condições de vida e moradia do povo ceilandense parece estar em sintonia com as mudanças que se operavam na estrutura política e social do Brasil. Nesse contexto o cordel de Joaquim Bezerra, como a de muitos artistas da época, se faz engajado, almeja fazer-se participante na vida política, intervir de alguma forma, seja denunciado ou reivindicando. Sabemos que muitos artistas por conta desse engajamento sofreram com a perseguição pelas forças repressivas do Estado, alguns pagando com a própria vida.

Outra leitura que podemos fazer é do deslocamento que o poeta promove, saindo de uma esfera da vida social para a esfera da vida privada. Como se o cordelista, por meio dos versos, levasse a nós, o seu público-leitor, para dentro da casa de vários moradores da Ceilândia,

aproximando-nos de seus dramas particulares. Nos seus versos somos levados a acompanhar de perto o drama da velhinha que se sente culpada por viver em meio a tanto sofrimento, ou de um outro que cobra de “Padim Ciço” ajuda para que leve seu irmão ao seu lugar de origem e, finalmente, da mulher que, desiludida com os últimos acontecimentos e sem ver saída para esse problema de moradia, pede ao marido que venda tudo o que tem e fuja “antes que a coisa esquente”.

Aproximando-nos desses dramas pessoais o cordelista - cumprindo uma função tantas vezes evidenciada na literatura - leva-nos a nos identificarmos com a opressiva realidade dessas famílias, incertas quanto ao seu futuro, vemo-las ora se agarrando em sua fé, outros sonhando com o regresso para sua terra de origem ou, em alguns casos, se engajando, por meio da mobilização social, contra essa realidade que se apresenta opressora.

Dessa forma, o cordelista em *TERRACAP contra a Ceilândia* trás para a memória candanga esse registro de um problema social na esfera da vida privada. Contudo, sua postura é de participação, vê no seu cordel um veículo de denúncia, a “goela” por onde pode expressar suas mágoas, desilusões, seus ressentimentos e sua esperança; esperança que não é só sua, mas de muitos, muitos irmãos.

O que podemos constatar e comprovar em nossa discussão sobre as lacunas na historiografia de Brasília, ou seja, aquilo que não é dito pela sua história oficial, foi a capacidade que tem a

literatura de cordel, por meio de seus registros, em operar no preenchimento dessas lacunas. Por ser a literatura de cordel oriunda da tradição oral e, por essa razão, autêntica expressão de um povo marginalizado nos processos de alfabetização, excluído socialmente, acaba por dizer o que não foi dito pelas elites, por aqueles que escrevem e documentam a história oficial.

No que diz respeito à literatura canônica, constatamos a marginalização do cordel no campo literário brasileiro. Dessa forma o cordel segue correndo em águas paralelas e solitárias, uma literatura encarada pelo cânone como *subliteratura*, segue também fora dos livros didáticos, das diretrizes de ensino, e quando aparece nas escolas é em festejos folclóricos, nos esporádicos chás-literários ou em projetos como o *Cantoria nas Escolas*, criado pela Casa do Cantador. Apesar de toda essa corrente desfavorável, concluímos que o cordel segue como uma expressão poderosa de registro da memória e da imaginação popular, podendo, no caso específico de Brasília, resgatar muito da memória silenciada dos candangos.

## REFERÊNCIAS

- AMMANN, Safira Bezerra. Os Incansáveis - Movimento Popular em Brasília (Cadernos Práxis 4). Brasília: Cortez Editora, 1987.
- ATHAYDE, João Martins de. João Martins de Athayde. Mário Souto Maior (Introdução e Seleção). São Paulo: Hedra, 2005. (Coleção Biblioteca de Cordel)
- BARBOSA, Manoel Paixão. Coletânea: Saudades de minha terra. Águas Lindas do Goiás: autor, 2006.
- BARROSO, Maria Helenice. Os cordelistas no DF: dedilhando a viola, contando a história. Brasília: BCE, 2006.
- BATISTA, Abraão. Um cearense em Brasília. Juazeiro do Norte-CE: 2ª ed. IM JDO, 2004.
- BORDIEU, Pierre. A distinção: crítica social do julgamento. Tradução de Daneila Kern e Guilherme J.F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.
- \_\_\_\_\_. As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário. Tradução de Maria Lúcia Machado. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- \_\_\_\_\_. O poder simbólico. Tradução de Fernando Tomaz. 9ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- CARVALHO, Vladimir. Conterrâneos velhos de guerra (opinião da crítica e roteiro). Brasília: 1997.
- LUCENA, Bruna Paiva de. Espaços em disputa: o cordel e o campo literário brasileiro. Brasília: BCE, 2010.
- NÓBREGA, Joaquim Bezerra da. ABC da Ceilândia. Ceilândia Sul: Copiadora Objetivo, 2008.
- PEDROSA, Chico. Brasília, jovem cidade, capital da esperança. Brasília: Ensino Editora, 2010.
- VARELA, Sebastião. O candango na fundação de Brasília. Brasília, BCE, 1981.